

**SALA DE RECURSOS
MULTIFUNCIONAIS –
LABORATÓRIO DE LÍNGUAS:
UMA EXPERIÊNCIA COM
ALUNO SURDO COM
PARALISIA CEREBRAL**

*MULTIFUNCTIONAL RESOURCE ROOM
- LABORATORY OF LANGUAGES: AN
EXPERIENCE WITH A DEAF STUDENT WITH
CEREBRAL PALSY*

TÁLITA CAVALCANTI PERGENTINO DOS ANJOS

RESUMO

O presente artigo visa relatar a experiência da professora especialista Tálita Cavalcanti Pergentino dos Anjos, na escola de Educação Estadual 11 de Agosto, localizada no Município de Aracaju, no segundo semestre de 2017, com o objetivo de contribuir com a construção de conhecimento nesta área de atuação. Por ser uma unidade de ensino com matrícula acima da média de alunos surdos, surgiu a necessidade da implantação do Laboratório de Línguas para a Sala de Recursos Multifuncionais. A experiência aqui relatada refere-se ao desenvolvimento do Plano de Atendimento Individualizado – PAI, para um jovem surdo, com paralisia cerebral que não possui mobilidade e autonomia comunicativa com as mãos e desta forma comunica-se por meio da Libras com o pé. Nesta proposta, além da aquisição de vocabulário em Libras buscou-se também o aprendizado da Língua Portuguesa na modalidade escrita. Foi possível observar os avanços na produção escrita do aluno, bem como a ampliação do seu vocabulário em Libras. Tais avanços são percebidos ao longo dos encontros realizados no Laboratório de Línguas e ficam evidentes quando ao fim do semestre os alunos conseguem apresentar em Libras os conhecimentos adquiridos, fazendo uso de novos sinais, bem como em suas produções textuais, nas quais já faz uso de componentes gramaticais trabalhados nas aulas.

ABSTRACT

This article aims at reporting the experience of the specialist teacher Tálita Cavalcanti Pergentino dos Anjos in the state-funded public school 11 de Agosto, located in the city of Aracaju (Sergipe, Brazil), in the second half of 2017, with the intention of contributing to the construction of a body of knowledge in this area. As that is an educational unit with above-average enrollment of deaf students, the need arose to implement a Laboratory of Languages for the Multifunctional Resource Room. The experience reported here refers to the development of the Individualized Care Plan (IAP in Portuguese) for a deaf youngster with cerebral palsy who does not have mobility or communicative autonomy with his hands and, thus, communicates through Libras (Brazilian Sign Language) with his feet. In this proposal, besides the acquisition of vocabulary in Libras, the learning of the Portuguese language in written form was also sought. It was possible to observe advances in the student's written production, as well as the expansion of his vocabulary in Libras. Such advances are perceived throughout the meetings held in the Laboratory of Languages and become more evident when, at the end of the semester, students are able to present the knowledge acquired in Libras by making use of new signs, as well as in their textual productions, in which they already make use of grammatical components worked in class.

TÁLITA CAVALCANTI PERGENTINO DOS ANJOS

Possui graduação em Licenciatura em Artes Visuais pela Universidade Federal de Sergipe (2002) e Especialização em Psicopedagogia Institucional pela FANESE (2005) e em Arteterapia pela Faculdade Anhanguera (2007). Atualmente é professora - Secretária de Estado da Educação (SE), onde exerce a função de Coordenadora do CAS - Centro de Capacitação de Profissionais da Educação e de Apoio às Pessoas com Surdez (desde 2008). Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Educação Especial/Inclusiva de pessoas com deficiência auditiva e surdez

RELATO DE EXPERIÊNCIA

1. TEMA

Sala de Recursos Multifuncionais – Laboratório de Línguas: uma experiência com aluno Surdo¹ com Paralisia Cerebral.

2. INTRODUÇÃO

O presente artigo visa relatar a experiência da professora especialista Tálita Cavalcanti Pergentino dos Anjos, na escola de Educação Estadual 11 de Agosto, localizada no Município de Aracaju, no segundo semestre de 2017. Por ser uma unidade de ensino com matrícula acima da média de alunos surdos, surgiu a necessidade da implantação do Laboratório de Línguas para a Sala de Recursos Multifuncionais.

Com a criação deste espaço, os alunos surdos oriundos da própria escola e de outras unidades de ensino, podem desenvolver o segundo e o terceiro momento didático-pedagógico, frequentando também o espaço da Sala de Recursos, onde recebe o primeiro momento deste atendimento educacional especializado.

A experiência aqui relatada refere-se ao desenvolvimento do Plano de Atendimento Individualizado – PAI, para um jovem surdo, com paralisia cerebral que não possui mobilidade e autonomia comunicativa com as mãos e, desta forma, comunica-se por meio da Libras com o

pé. Nesta proposta, além da aquisição de vocabulário em Libras, buscou-se também o aprendizado da Língua Portuguesa na modalidade escrita.

3. OBJETIVO

Descrever a experiência de trabalho na Sala de Recursos Multifuncionais – Laboratório de Línguas, da Escola Estadual 11 de Agosto, unidade de ensino da rede pública estadual de Sergipe, localizada no município de Aracaju, desenvolvida pela professora especialista Tálita Cavalcanti Pergentino dos Anjos, no ano letivo de 2017, com um aluno Surdo com Paralisia Cerebral, a fim de contribuir com a construção de conhecimento nesta área de atuação.

4. REFERENCIAL TEÓRICO

De acordo com a Lei 13.146, de 2015, que institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência, em seu artigo 2º,

“considera-se pessoa com deficiência aquela que tem impedimento de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, o qual, em interação com uma ou mais barreiras, pode obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas”.

Conforme dados do IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – ,no

¹ A utilização do termo Surdo “com S maiúsculo” será utilizado ao longo deste relato de experiência, sempre que fizer referência à pessoa Surda, por entendê-lo como pessoa cultural e política. “O termo com letra minúscula refere-se ao simples fato da deficiência audiovisual e é diferente do processo de auto-identidade[sic]. Esta distinção “s/S” foi feita pela primeira vez em 1972, pelo sociolinguísta [sic] James Woodward, mas agora é amplamente compreendida e usada pela maioria dos escritores no campo”. (WRIGLEY, 1996, p. 13)

Censo Demográfico de 2010, a população brasileira era de 236.297.072 habitantes; no que diz respeito às pessoas com deficiência, tínhamos 45.606.048 pessoas com pelo menos uma das deficiências investigadas pelo Instituto, independente do grau de dificuldade.

Deste total o equivalente a 8,3% da população brasileira apresentava pelo menos um tipo de deficiência severa, sendo: 3,46% com deficiência visual severa, 1,12% com deficiência auditiva severa, 2,33% com deficiência motora severa, 1,37% com deficiência mental/intelectual.

No tocante à deficiência física, de acordo com Schirmer (2007), no documento do Ministério da educação que trata do Atendimento Educacional Especializado, a deficiência física

“é entendida como uma manifestação corporal ou como a perda de uma estrutura ou função do corpo; a incapacidade refere-se ao plano funcional, desempenho do indivíduo e a desvantagem diz respeito à condição social de prejuízo, resultante da deficiência e/ou incapacidade.” (SCHIRMER, 2007, p.20).

No que se refere à deficiência motora, de acordo com os dados do IBGE, temos 734.451 não conseguem de modo algum, 3.698.929 possuem grande dificuldade e 8.832.249 possuem alguma dificuldade.

Deficiência motora

Foi pesquisado se a pessoa tinha dificuldade per-

manente de caminhar ou subir escadas (avaliada com o uso de prótese, bengala ou aparelho auxiliar, no caso da pessoa utilizá-lo), de acordo com a seguinte classificação:

- **Não consegue de modo algum** - para a pessoa que declarou ser permanentemente incapaz, por deficiência motora, de caminhar e/ou subir escadas sem a ajuda de outra pessoa;
- **Grande dificuldade** - para a pessoa que declarou ter grande dificuldade permanente de caminhar e/ou subir escadas sem a ajuda de outra pessoa, ainda que usando prótese, bengala ou aparelho auxiliar;
- **Alguma dificuldade** - para a pessoa que declarou ter alguma dificuldade permanente de caminhar e/ou subir escadas sem a ajuda de outra pessoa, ainda que usando prótese, bengala ou aparelho auxiliar; ou
- **Nenhuma dificuldade** - para a pessoa que declarou não ter qualquer dificuldade permanente de caminhar e/ou subir escadas sem a ajuda de outra pessoa, ainda que precisando usar prótese, bengala ou aparelho auxiliar. (IBGE, 2010, p. 28)

Dentre as diversas categorias da deficiência motora/física enquadra-se a paralisia cerebral. Monteiro (2011) nos apresenta a seguinte definição, conforme estudos de Rosenbaum et al. (2007):

“Paralisia Cerebral é um grupo de desordem permanente do desenvolvimento da postura e movimento, causando limitação em atividades, que são atribuídas a um distúrbio não progressivo que ocorre no desenvolvimento encefálico fetal ou na infância. A desordem motora na Paralisia Cerebral

é frequentemente acompanhada por distúrbios de sensação, percepção, cognição, comunicação e comportamental, por epilepsia e por problemas musculoesqueléticos secundários” (MONTEIRO apud. ROSENBAUM et al, 2011, p.28)

Conforme dados do IBGE de 2010, no Brasil tínhamos 9 milhões de brasileiros que declararam ter alguma perda auditiva sendo 2,1 milhões (21%) os que afirmaram ter deficiência auditiva severa; sendo 344.206 surdos (não conseguem ouvir de modo algum) e 1.798.967 com grande dificuldade em ouvir.

Deficiência auditiva

Foi pesquisado se a pessoa tinha dificuldade permanente de ouvir (avaliada com o uso de aparelho auditivo, no caso da pessoa utilizá-lo), de acordo com a seguinte classificação:

- **Não consegue de modo algum** - para a pessoa que declarou ser permanentemente incapaz de ouvir;
- **Grande dificuldade** - para a pessoa que declarou ter grande dificuldade permanente de ouvir, ainda que usando aparelho auditivo;
- **Alguma dificuldade** - para a pessoa que declarou ter alguma dificuldade permanente de ouvir, ainda que usando aparelho auditivo; ou
- **Nenhuma dificuldade** - para a pessoa que declarou não ter qualquer dificuldade permanente de ouvir, ainda que precisando usar aparelho auditivo. (IBGE, 2010, p. 27-28).

Para entendermos um pouco mais sobre a diferença entre a deficiência auditi-

va e a surdez iremos trazer um recorte do Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005, que nos apresenta:

Art. 2º Para os fins deste Decreto, considera-se pessoa surda aquela que, por ter perda auditiva, compreende e interage com o mundo por meio de experiências visuais, manifestando sua cultura principalmente pelo uso da Língua Brasileira de Sinais - Libras.

Parágrafo único. Considera-se deficiência auditiva a perda bilateral, parcial ou total, de quarenta e um decibéis (dB) ou mais, aferida por audiograma nas frequências [sic] de 500Hz, 1.000Hz, 2.000Hz e 3.000Hz. (BRASIL, 2005, p.1)

Desta forma podemos concluir que a pessoa surda possui uma perda auditiva; entretanto, ela faz uso da Língua Brasileira de Sinais – Libras – como meio de comunicação, o que marca o diferencial cultural e de identidade entre a pessoa com deficiência auditiva e a pessoa surda.

Regulamentada em 24 de abril de 2002, pela Lei nº 10.436, a Língua Brasileira de Sinais – Libras – é reconhecida e está descrita em seu Art. 1º, como sendo o meio legal de comunicação e expressão. Ainda no seu parágrafo único da referida lei, diz que:

Parágrafo único. Entende-se como Língua Brasileira de Sinais - Libras, a forma de comunicação e expressão em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema linguístico de transmissão

de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil. (BRASIL, 2010, p.1)

Lamentavelmente ainda ouvimos as expressões “surdo-mudo” e “mudinho”, para designar a pessoa surda. Esse não é um termo correto, entretanto, muitas pessoas ainda pensam que todo surdo é mudo. O que ocorre na verdade é que a maioria dos surdos tem as cordas vocais em perfeito funcionamento, portanto, o aparelho fonador deles funciona; entretanto, muitos não falam porque não aprenderam a falar. Alguns surdos conseguem desenvolver a fala através da terapia fonoaudiológica, que é um trabalho desenvolvido pelo profissional da fonoaudiologia, e por isso são reconhecidos como surdos oralizados. Dessa forma, o dito “surdo-mudo” tem sido encarado pela Cultura Surda como um erro social, pelo desconhecimento da Cultura e da Identidade Surda.

Ao tratarmos do processo educacional, temos a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, que regulamenta o nosso sistema educacional, seja ele público ou privado. Esta Lei reserva o Capítulo V para tratar da educação especial, em que nos apresenta:

Art. 58. Entende-se por educação especial, para os efeitos desta Lei, a modalidade de educação escolar oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas

habilidades ou superdotação.

§ 1º Haverá, quando necessário, serviços de apoio especializado, na escola regular, para atender às peculiaridades da clientela de educação especial.

§ 2º O atendimento educacional será feito em classes, escolas ou serviços especializados, sempre que, em função das condições específicas dos alunos, não for possível a sua integração nas classes comuns de ensino regular. (BRASIL, 2017, p.39-40)

O Ministério da Educação lançou em 2007 as diretrizes e ações que reorganizam os serviços de Atendimento Educacional Especializado, nas salas de recursos multifuncionais, com uma coleção de livros que orientam o atendimento público aos alunos da educação especial.

Sobre o Atendimento Educacional Especializado para alunos surdos, ofertado nas salas de recursos, sabemos que:

Nele destacam-se três momentos didático-pedagógicos:

- Momento do Atendimento Educacional Especializado em Libras na escola comum, em que todos os conhecimentos dos diferentes conteúdos curriculares, são explicados nessa língua por um professor, sendo o mesmo preferencialmente surdo. Esse trabalho é realizado todos os dias, e destina-se aos alunos com surdez.
- Momento do Atendimento Educacional Especializado para o ensino de Libras na escola comum, no qual os alunos com surdez terão aulas de Libras, favorecendo o conhecimento e a aquisição, principalmente de termos científicos. Este trabalho é realizado pelo professor e/ ou instrutor de

Libras (preferencialmente surdo), de acordo com o estágio de desenvolvimento da Língua de Sinais em que o aluno se encontra. O atendimento deve ser planejado a partir do diagnóstico do conhecimento que o aluno tem a respeito da Língua de Sinais.

- Momento do Atendimento Educacional Especializado para o ensino da Língua Portuguesa, no qual são trabalhadas as especificidades dessa língua para pessoas com surdez. Este trabalho é realizado todos os dias para os alunos com surdez, à parte das aulas da turma comum, por uma professora de Língua Portuguesa, graduada nesta área, preferencialmente. O atendimento deve ser planejado a partir do diagnóstico do conhecimento que o aluno tem a respeito da Língua Portuguesa. (DAMÁZIO, 2007, pág. 25)

Figura 1 – Momentos didático-pedagógicos do Atendimento Educacional Especializado para alunos com Surdez



Sabemos que ao buscar inserir as crianças surdas no percurso educativo, os pais e/ou responsáveis pelos alunos surdos muitas vezes deparam-se com a falta de profissionais bilíngues, sejam eles pedagogos bilíngues ou tradutores e intérpretes de Libras/Língua Portuguesa, o que se torna uma barreira no processo educacio-

nal das crianças surdas, já que a presença desses profissionais é de suma importância para uma aprendizagem eficaz.

Tais barreiras não são observadas na Escola Estadual 11 de Agosto, objeto deste relato de experiência, visto que nesta unidade de ensino da rede pública estadual, situada no município de Aracaju, os alunos surdos matriculados nos anos iniciais do ensino fundamental são assistidos por pedagogos bilíngues, atualmente em salas de inclusão. Entretanto, em anos anteriores com a maior matrícula de alunos surdos a escola dispunha de salas bilíngues. A referida unidade de ensino oferta apenas o ensino fundamental e nas turmas do 6º ao 9º ano. Com a matrícula de alunos surdos, a escola dispõe de tradutores e intérpretes de Libras, além de dispor também do Atendimento Educacional Especializado nas salas de recursos multifuncionais, com professores fluentes em Libras.

5. DESCRIÇÃO DA METODOLOGIA DA EXPERIÊNCIA

A Escola Estadual 11 de Agosto é uma unidade de ensino, situada em Aracaju, capital sergipana, com uma matrícula acima da média estadual de alunos com deficiência, e que, por este motivo, foi contemplada duas vezes pelo Ministério da Educação com o programa da Sala de Recursos Multifuncionais. Dentre os alu-

nos atendidos destacava-se o grande número de alunos surdos, por isso surgiu a necessidade da criação do Laboratório de Línguas para a Sala de Recursos Multifuncionais no ano de 2014.

Desta forma, a equipe diretiva da escola juntamente com seus professores bilíngues idealizaram um espaço onde os alunos pudessem desenvolver-se ainda mais na aquisição da Libras, bem como no aprendizado da Língua Portuguesa na modalidade escrita. Assim, uma das salas de recursos foi transformada no Laboratório de Línguas, com funcionamento nos dois turnos (manhã e tarde) de ensino.

Com a implantação do Laboratório de Línguas, os alunos surdos oriundos da própria escola e de outras unidades de ensino puderam desenvolver, neste espaço, o momento didático-pedagógico do Atendimento Educacional Especializado: para o ensino de Libras e para o ensino da Língua Portuguesa, além de frequentarem também o espaço da Sala de Recursos Multifuncionais, onde recebem o Momento do Atendimento Educacional Especializado em Libras.

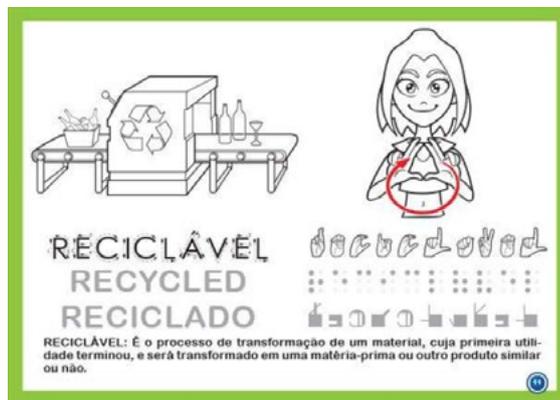
Outro diferencial da Escola Estadual 11 de Agosto é que ela conta com a presença de um Instrutor de Libras Surdo que atua junto à professora do Laboratório de Línguas, com a função de ensinar Libras como primeira língua para os alunos surdos.

A experiência aqui relatada refere-se ao desenvolvimento do Plano de Aten-

dimento Individualizado – PAI, para um jovem surdo, com paralisia cerebral que não possui mobilidade e autonomia comunicativa com as mãos e, desta forma, comunica-se por meio da Libras com os pés. Nesta proposta, além da aquisição de vocabulário em Libras, buscou-se também o aprendizado da Língua Portuguesa na modalidade escrita.

No início do segundo semestre, do ano letivo de 2017, foi realizado no Laboratório de Línguas da Sala de Recursos Multifuncionais o projeto sobre a “Reciclagem”, que levou a turma a discutir sobre os “3 Rs – Reduzir, Reutilizar e Reciclar”. Dentre os materiais utilizados neste PAI, usamos o livro ilustrado em Libras e Braille para colorir, uma elaboração do grupo Supereficiente.

Figura 2 – Reciclável em Libras e em Braille



Fonte: Livro ilustrado em Libras e Braille para colorir: coleta seletiva, 2015, p. 11.

Esta mesma temática foi desenvolvida com todos os alunos matriculados no Laboratório de Línguas e, ao longo deste período, todos os alunos tinham atendimentos coletivos e individualizados tam-

bém. Cada aluno tinha em seu Plano de Atendimento Individualizado uma proposta de atuação adequada à sua necessidade.

Nos encontros coletivos, além da compreensão do conceito de reciclagem, realizamos também: construção de cartazes, ações de intervenção na escola para reciclagem do lixo, visita à Cooperativa dos Agentes Autônomos de Reciclagem de Aracaju – CARE, ampliação do vocabulário em Libras, entre outras ações.

Figura 3 – Momento de construção coletiva



Fonte: Registro particular

Figura 4 – Confecção de cartaz



Fonte: Registro particular

Utilizando este tema como ponto de partida, surgiu a proposta do aluno, objeto deste relato, de construir uma maquete do Laboratório de Línguas da sala de recursos utilizando, entre outros materiais, caixas de papelão e de suco que chegavam à escola com a merenda escolar, como uma forma de reciclar este material. É importante ressaltar que a ideia da construção da maquete foi proposta pelo próprio aluno, quando se discutiam as possibilidades de reduzir, reutilizar e reciclar materiais.

Este aluno já frequentava o laboratório de línguas desde o ano letivo de 2016 e, apesar de a professora já conhecer o aluno e as estratégias de adaptação que ele utilizava na execução das atividades propostas pelo Laboratório de Línguas, o início da execução do plano de atendimento individualizado causou inquietação que tomou conta do coração da professora: "como ele vai manusear o estilete para cortar o papelão?". Apesar de a irmã do aluno informar que ele possuía autonomia para tal e que fazia uso do instrumento em casa, a professora optou por ela mesma fazer o uso do estilete, seguindo as orientações e marcações no papelão feitas pelo aluno.

Como já foi dito anteriormente, a proposta do Laboratório de Línguas é a aquisição de vocabulário em Libras e o aprendizado da Língua Portuguesa na modalidade escrita. Desta forma, com a proposta da confecção da maquete, vinha

também a proposta da produção escrita. Sendo assim, um encontro por semana era destinado a esta proposta e, ao fim do encontro, o aluno teria que produzir uma ou mais frases relatando como e o que ele havia construído.

Figura 5 – Aluno realizando produção escrita com o pé



Fonte: Registro particular

O primeiro passo era conseguir o material. Desta forma, o aluno dirigia-se à cozinha da escola, acompanhado pela professora, e solicitava à merendeira as caixas de que ele necessitava para a construção de sua maquete. A professora, neste momento, atuava como intérprete do aluno, uma vez que, como é de se esperar, a sinalização feita com os pés não é tão clara quanto a que é feita com as mãos, visto que são anatomias diferentes e a mobilidade das mãos e o comprimento dos seus dedos deixam os sinais claros. Já com os sinais feitos com os pés é preciso maior atenção e conta-

to com o aluno para conseguir compreender a sua real intenção comunicativa. Por esta razão, apesar de a merendeira saber Libras, era necessária a atuação da professora na interpretação da comunicação do aluno com a merendeira e vice-versa.

De volta à sala, o aluno inicia o processo de construção de sua maquete que, como de costume, é realizada sobre um banco baixo que ele utiliza como mesa. Em poucos momentos é solicitado o apoio da professora, como para cortar o papelão. As demais atividades, como cortar papel, enrolar e colar, o aluno possui autonomia para realizar sozinho.

Figura 6 – Confecção do pé da mesa



Fonte: Registro particular

Figura 7 – Confecção da mesa



Fonte: Registro particular

Figura 8 – Montagem dos pés da mesa
Fonte: Registro particular



Figura 9 – Mesa finalizada
Fonte: Registro particular



Figura 10 – Base da maquete
Fonte: Registro particular



Figura 11 – Confecção do armário
Fonte: Registro particular



Paralelo à construção da maquete, também foi desenvolvida junto ao aluno a habilidade de compreender, identificar e

usar, na produção textual, a concordância entre substantivo ou pronome pessoal e verbo (concordância verbal), por meio de atividades que eram desenvolvidas nos outros dois dias, em atendimentos coletivos, ou seja, em encontros onde tínhamos a presença de outros alunos Surdos.

Este é um processo lento para os alunos Surdos, uma vez que a Língua Portuguesa deve ser trabalhada como uma segunda língua, visto que a Libras é a primeira língua; além das diferenças gramaticais entre as duas línguas, que possuem regras distintas. A ausência de diversos elementos gramaticais na Libras que estão presentes na Língua Portuguesa torna o processo de aprendizagem mais lento.

Figura 12 – Escrita autônoma de frases
Fonte: Registro particular

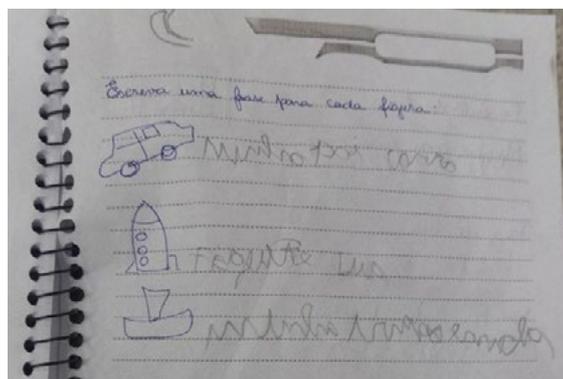
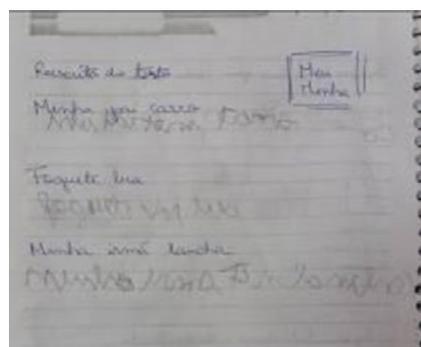


Figura 13 – Reescrita de frases
Fonte: Registro particular



O Plano de Atendimento Individualizado tem duração de um mês, tempo que durou o projeto “Reciclagem: 3 Rs – Reduzir, Reutilizar e Reciclar”. Ao fim do mês de trabalho, o aluno concluiu a maquete do Laboratório de Línguas e tinha o registro de cada ação desenvolvida por ele ao longo dos nossos encontros.

Ao fim de cada mês, todas as produções escritas do aluno eram retomadas com o objetivo de reler e revisar o texto produzido com a ajuda do professor e a colaboração dos colegas, para corrigi-lo e aprimorá-lo, fazendo cortes, acréscimos, reformulações, correções de ortografia e pontuação. Nesta ação buscamos desenvolver um objetivo por vez, ou seja, fazer a reescrita da frase observando a utilização correta do artigo ou do substantivo ou do tempo verbal ou ainda do pronome utilizado.

Ao longo do processo, vários novos sinais da Libras foram aprendidos pelos alunos, tais como: reduzir, reutilizar, reciclar, vidro, metal, orgânico, plástico, além de diversos verbos, pronomes, entre outros.

Mesmo com a finalização do projeto e com a elaboração de um novo PAI para o aluno, a professora continuou utilizando os registros escritos por ele para a aprendizagem da Língua Portuguesa na modalidade escrita até o final do ano letivo de 2017, sempre voltando aos registros do aluno e reescrevendo, observando as regras da gramática portuguesa. Ao fim do semestre é possível observar a evolução na escrita do aluno.

6. RESULTADOS

Como a produção da maquete foi uma proposta que partiu do próprio aluno, ele se manteve envolvido durante todo o período. Ao fim do ano letivo, foi possível ter um manual, passo a passo da construção da maquete, construído e escrito pelo aluno.

Nesta como nas demais atividades foi possível observar os avanços na produção escrita do aluno, bem como a ampliação do seu vocabulário em Libras. Tais avanços são percebidos ao longo dos encontros realizados no Laboratório de Línguas e ficam evidentes quando, ao fim do semestre, os alunos conseguem apresentar em Libras os conhecimentos adquiridos, fazendo uso de novos sinais, bem como em suas produções textuais, nas quais já fazem uso de componentes gramaticais trabalhados nas aulas.

O presente trabalho procurou demonstrar os desafios encontrados no dia a dia dos professores que atuam nas salas de recursos, fazendo um pequeno recorte para o atendimento a alunos com múltiplas deficiências, como é o caso do aluno aqui apresentado que possui, além da surdez, a paralisia cerebral, que compromete seus movimentos dos membros superiores, fazendo com que ele buscasse uma nova forma de comunicação, ao utilizar para isto seus membros inferiores, com os quais realiza praticamente tudo, uma vez que tem autonomia para alimentar-se, locomover-se em espaço plano,

escrever, cortar, colar e comunicar-se.

Atualmente no Brasil, muito pouco estudo foi realizado sobre esta forma de comunicação, entretanto este limitador não foi empecilho para que o aluno conseguisse ter uma interação social. Quando não era possível que a professora conseguisse entender o que aluno estava sinalizando, ele fazia uso de desenhos para tornar mais clara a sua comunicação. A escola contava ainda com uma tradutora e intérprete de Libras que consegue manter uma boa comunicação com o aluno e que, por algumas vezes, auxiliou a professora nos momentos iniciais de contato com ele, bem como a irmã do aluno que também foi de grande importância no processo inicial de estabelecimento da comunicação entre a professora e o estudante.

O instrutor de Libras, por sua vez, desde o primeiro contato com o aluno conseguiu manter uma comunicação fluida. Como a professora atuava em conjunto com este instrutor, ele também, por vezes, atuou como intérprete para deixar mais clara a intenção comunicativa do aluno com a professora.

Ao desenvolver os momentos didático-pedagógicos em sala de recursos com o aluno, é possível observar a importância da comunicação com este, a importância de buscar aprender a Libras para se comunicar com alunos surdos, neste caso, em especial, de buscar estar sempre atenta aos movimentos feitos pelo aluno e estar em constante aprendizado, pois em

cada aula, além de ensinar, se aprende muito com ele. A aprendizagem da Libras foi um caminho percorrido pelos dois, aluno e professora.

Afinal, é para isso que estamos na Sala de Recursos, para partilhar informações, ensinar e aprender com eles a cada dia, numa troca contínua de conhecimentos.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**: Educação é a Base. Brasília: MEC – Ministério da Educação, 2019. 595p.

BRASIL. **Decreto nº 5.626 de 22 de dezembro de 2005**. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. 19 dez. 2000.

BRASIL. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. MEC – Ministério da Educação / SEESP – Secretaria de Educação Especial, 2008. 19p.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2017. 58p.

BRASIL. **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. 24 abr. 2002.

BRASILEIRO, Ismênia de Carvalho et al. Atividades e participação de crianças com Paralisia Cerebral conforme a Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde. **Revista Brasileira de Enfermagem – REBEn**, Brasília, v.62, n.4, p. 503-11. jul-ago. 2009.

DAMÁZIO, M. F. M. **Atendimento Educacional Especializado**: A Pessoa com Surdez. Brasília: SEESP – Secretaria de Educação Especial / SEED – Secretaria de Educação a Distância / MEC – Ministério da Educação, 2007. 52p.

FARIAS, Norma; BUCHALLA, Cássia Maria. A Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde da Organização Mundial da Saúde: Conceitos, Usos e Perspectivas. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 8, n. 2, jun. 2005. <https://doi.org/10.1590/S1415-790X2005000200011> .

FERNANDES, André Fillipe de Freitas. **A inclusão**

de surdos em museus de ciência: um estudo no Museu do Amanhã e no Museu da Vida. 1996. 149f. Dissertação (Mestrado em Divulgação da Ciência, Tecnologia e Saúde) - Fundação Oswaldo Cruz, Casa de Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro. 149p.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo demográfico 2010** – Características gerais da população, religião e pessoas com deficiência. Rio de Janeiro: IBGE, 2010. 215p.

MONTEIRO, Carlos Bandeira de Mello. **Realidade virtual na paralisia cerebral.** São Paulo: Plêiade, 2011. 220 p.

QUADROS, Ronice; PERLIN, Gladis. **Estudos surdos II.** Rio de Janeiro: Arara Azul, 2007. 267p.

SALLES, H. et al. **Ensino de língua portuguesa para surdos:** caminhos para a prática pedagógica. Secretaria de Educação Especial, MEC – Ministério da Educação / SEESP – Secretaria de Educação Especial, Brasília, 2002. Vol. I. 139p.

SALLES, H. et al. **Ensino de língua portuguesa para surdos:** caminhos para a prática pedagógica. Secretaria de Educação Especial, MEC – Ministério da Educação / SEESP – Secretaria de Educação Especial, Brasília, 2002. Vol. II. 207p.

SCHIRMER, Carolina R. et al. Atendimento Educacional Especializado - Deficiência Física. Brasília: SEESP – Secretaria de Educação Especial / SEED – Secretaria de Educação a Distância / MEC – Ministério da Educação, 2007. 129p.

SERGIPE. **Currículo de Sergipe Integrar e Construir** - Educação Infantil e Ensino Fundamental. Secretaria de Estado da Educação, Aracaju, 2018. 666p.

SUPEREFICIENTE. **Livro ilustrado em Libras e Braille para colorir:** coleta seletiva. 2015. 20f.

WITKOSKI, Sílvia Andreis. **Surdez e preconceito:** a norma da fala e o mito da leitura da palavra falada. 2011. 255 f. Dissertação (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba. 2011.

WRIGLEY, Oliver. **Política da surdez.** Washington: Gallaudet University Press, 1996.